

Economia - Brasil

Queda dos juros ainda é dúvida

Discussão sobre o ritmo da queda divide até mesmo os empresários. Decisão será tomada pelo Banco Central no dia 17

Liana Verdini
Da equipe do **Correio**
Com agências

As divergências no governo sobre a redução imediata das taxas de juros parecem ter contaminado também empresários e profissionais do mercado financeiro. Tanto há quem defenda uma aceleração na velocidade da queda das taxas, posição idêntica à do presidente Fernando Henrique Cardoso, como há quem seja partidário da manutenção do ritmo cauteloso adotado pelo governo até o momento, política defendida pela equipe do Banco Central.

O tom do discurso de empresários e profissionais do mercado financeiro desafinou depois que a crise asiática voltou a mostrar que ainda está ativa. Desde quarta-feira, o mercado financeiro em todo o mundo está reagindo aos acontecimentos na Coreia, o país da vez na crise que se arrasta desde julho no Sudeste Asiático. No Brasil, as bolsas oscilaram muito, mas fecharam em leve alta, e os juros projetados para os próximos meses subiram.

O debate sobre o rumo das taxas de juros está acontecendo agora porque no dia 17 (quarta-feira) o Comitê de Política Monetária (COPOM) se reúne para definir o novo patamar da Taxa do Banco Central (TBC), usada como referência para os juros cobrados pelas instituições financeiras em todo o País. O problema é que enquanto o cená-

rio internacional recomenda cautela, o quadro no Brasil pede maior velocidade na queda dos juros.

A sensação de que o juro cai, mas não muito, também é compartilhada pelo presidente Banco Stock, Toni Rocha. "A verdade é que o nível da queda só será definido na próxima semana, quando o cenário na Ásia estiver mais claro." Para ele, haveria espaço para a TBC, que hoje está em 2,90%, cair até 2,50%. "E mesmo assim continuaria muito elevada se comparada à inflação esperada para janeiro", disse. "Mas o mercado está apostando mesmo que a redução do juro será mais modesto".

MIRA

Enquanto o mundo financeiro tenta apenas acertar a mira em que ficarão os juros, o mundo real da economia está mesmo preocupada em pressionar o governo para acelerar a queda das taxas e evitar que o País mergulhe de cabeça numa recessão indesejada. As vozes mais altas estão saindo de São Paulo, que enfrenta um crescimento expressivo do desemprego em função da queda das vendas, especialmente da indústria automobilística.

"Está na hora de o governo federal sinalizar a orientação que será dada, a médio e longo prazo, sobre as taxas de juros", cobrou o governador de São Paulo, Mário Covas. O tamanho da insatisfação do governador pode ser medida em números. Desde o aumento dos juros, até o dia 8 de dezembro, o estado

Carlos Eduardo 12.7.94



Moreira Ferreira: acusado de fazer campanha eleitoral ao cobrar redução de juros para impedir demissões

registrou uma perda de arrecadação de R\$ 124 milhões. Só no mês passado, deixaram de entrar nos cofres paulistas R\$ 89 milhões.

O governador de São Paulo fez coro com o presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Carlos Eduardo Moreira Ferreira, que já havia exigido a queda imediata das taxas de juros para evitar mais demissões. Mas nem os empresários estão unidos na defesa da queda drástica dos juros.

O presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira criticou duramente o presidente da Fiesp, que acusou o governo de ser responsável pelas demissões e exigiu a redução imediata dos juros. "A Fiesp não poderia nunca fazer, com a responsabili-

de que merece, declarações levianas dessa forma", reclamou.

CANDIDATO

"Eu gostaria que o setor industrial não confundisse declarações de posturas políticas e partidárias com interesses maiores da sociedade brasileira", ressaltou, referindo-se à candidatura do presidente da Fiesp a deputado federal pelo PFL. Vieira fez estas críticas ao lado do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, durante cerimônia de entrega do prêmio Excelência Empresarial, concedido pela Firjan e Fundação Getúlio Vargas a empresas do Rio que se destacaram este ano.

"Então ele quer que os juros caiam e o Brasil quebre?", questionou Vieira. "É isso que eles querem? É essa a responsabilidade da repre-

sentação industrial?", perguntou ainda, mostrando indignação. Vieira destacou que as pessoas precisam pensar um pouco a respeito do risco que a sociedade sofre. De acordo com ele, a volta da inflação deixaria parte da população sem ter o que comer, mas não afetaria o padrão de vida dos empresários.

A declaração do presidente da Firjan para uma plateia repleta de empresários deixou Gustavo Franco numa posição bastante confortável para fazer seu discurso.

"O governo não aumentou os juros por motivos fúteis. Temos uma situação de crise externa. Sabemos que isso traz custos para a sociedade. Não é preciso que ninguém nos diga isso. Mas remédios amargos têm que ser tomados, quando necessários", destacou Franco.